




“PROFESSORA, ACHEI UMA ESMERALDA!”: DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA, PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS E SUAS APRENDIZAGENS

“Teacher, I found an emerald!”: Pedagogical documentation, children’s protagonism and their learning


Gabrielle Augusta Silva de **CAMARGO**
Kingdom School
Sorocaba, Brasil


gabriellescarmargo@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0002-4832-8681> 

Lucia Maria Salgado dos Santos **LOMBARDI**
Departamento de Ciências Humanas e Educação
Universidade Federal de São Carlos
Sorocaba, Brasil

lucialombardi@ufscar.br

<https://orcid.org/0000-0001-6978-864X> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

O artigo apresenta resultados de uma pesquisa que investiga a documentação pedagógica como elemento fundamental da cultura profissional de docentes da Educação Infantil, valoriza as crianças, suas aprendizagens, protagonismo e diferentes infâncias. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa com caráter bibliográfico e de pesquisa pedagógica, que investiga o trabalho com crianças de 5 e 6 anos, com objetivo de tecer a documentação com plena participação das crianças, contando com registros como diário de bordo, vídeos, fotografias, álbuns de fotografias, álbum de desenhos, museu de cartazes, murais, exposições. Os resultados apontam para a compreensão da documentação pedagógica em sua complexidade na construção de conhecimentos praxiológicos, ampliadora de um saber-fazer docente que legitima o protagonismo das crianças, conexões entre teoria e prática, escuta sensível e articulações dialógicas entre sujeitos do contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Documentação pedagógica. Educação Infantil. Registro das práticas. Pesquisa Pedagógica.

ABSTRACT

The article presents results of a research that investigated the pedagogical documentation as a fundamental element of the professional culture of Early Childhood Education teachers, valuing children, their learning, protagonism and different childhoods. It is a qualitative research with a bibliographic and pedagogical character that investigates the work with children aged 5 and 6 years old, with the objective of creating documentation with the full participation of the children, with records such as the logbook, videos, photographs, photo albums, drawing albums, poster museum, murals, exhibitions. The results point to the understanding of the pedagogical documentation in its complexity in the construction of praxiological knowledge, expanding a teaching know-how that legitimizes the role of children, connections between theory and practice, sensitive listening and dialogical articulations between subjects in the context.

KEYWORDS: Pedagogical documentation. Early childhood education. Record of practices. Pedagogical Research.

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta resultados de pesquisa realizada nas modalidades de Iniciação Científica (I.C.) e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba (Camargo, 2019), a qual investigou a documentação pedagógica como elemento fundamental da cultura profissional de docentes da Educação Infantil, visou seu papel reflexivo-estético-político perante suas práticas, valoriza as crianças, suas aprendizagens, descobertas, protagonismo, conhecimentos e suas diferentes infâncias.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, caráter bibliográfico (Malheiros, 2011) e de pesquisa pedagógica – que envolve profissionais que pesquisam de forma direta suas próprias salas de aula, seja na pré-escola, no Ensino Fundamental, Médio ou no Ensino Superior, fazendo esforços para analisar a complexidade dos processos de ensino e de aprendizagem, e aprimorá-los (Lanksher e Knobel, 2008) – que foi realizada durante o período de dois anos – em 2018 e 2019 – por meio do acompanhamento diário da rotina de uma turma da qual a primeira autora deste texto era professora (sendo a segunda autora, a orientadora da pesquisa), constituída por um total de 18 crianças de cinco e seis anos de idade, tendo o consentimento ético por parte da escola e das famílias.

O principal objetivo foi investigar diferentes modos de realizar a documentação pedagógica e registros das práticas na Educação Infantil, compreendendo a documentação em sua complexidade e indagando-a, enquanto professoras que procuram conhecer e aprender do ponto de vista da criança. A base conceitual está na abordagem italiana de Reggio Emilia de educação da infância, buscando aproximação com a perspectiva das Pedagogias Participativas, as quais reconhecem a criança como um ser com competência e o processo educativo como algo que deva ser partilhado entre crianças e pessoas adultas, sustentado no interesse intrínseco das crianças, que permitem a elas coconstruírem suas próprias aprendizagens e celebrar suas realizações (Oliveira-Formosinho e Formosinho, 2008).¹ Em consonância com estes princípios, a pesquisa também encontra fundamento na visão sobre o tema da pesquisadora Luciana Esmeralda Ostetto (2012, 2017), que debate o que pode-se aprender aqui no Brasil, com as experiências italianas.

¹ Dentre as várias Pedagogias Participativas, cada uma com suas próprias características e ênfases, como as Pedagogias Freireana, Waldorf, Montessoriana e Construtivista, neste artigo referimos à abordagem da Pedagogia em Participação para inspirar a construção de práticas na realidade local na qual trabalhamos.

De acordo com Júlia Oliveira-Formosinho e João Formosinho (2008), a documentação pedagógica, na perspectiva da Pedagogia em Participação, é feita em torno das aprendizagens de ambos: crianças e adultos(as). É uma interpretação do pensar-fazer-sentir-aprender da criança, que requer o pensar-fazer da pessoa adulta. Por isso, as interações que ocorrem durante as experiências, com escuta e observação atenta amplia conhecimentos contributivos a um saber-fazer docente, que almeja legitimar os direitos das crianças.

Em virtude disto, do ponto de vista metodológico, a pesquisa bibliográfica é alicerçada principalmente em perspectivas que valorizam o olhar das crianças junto ao de adultos(as), com enfoque em seus direitos de participação e destaque às pesquisas sustentadas na obra do pedagogo italiano Loris Malaguzzi (Malaguzzi, 2011; Edwards, Gandini, Forman, 1999; Hoyuelos, 2004; Vecchi, 2017; Fochi, 2013, 2017, 2018, 2019) bem como da documentação pedagógica na perspectiva da Pedagogia em Participação de Oliveira-Formosinho (2007, 2019), Oliveira-Formosinho e Formosinho (2019, 2013).

Em se tratando da imersão em campo, o método envolveu a criação de um repertório de documentação que respeitasse os modos pelos quais as crianças e a professora vivenciavam as experiências pedagógicas, enquanto sujeitos e enquanto grupo, construindo narrativas, desenvolvendo suas identidades protagonistas, pertenças e procurando transformar as práticas. Isto significou exercitar a escuta sensível das crianças e experimentar suas sugestões sobre formas de registrar, na esteira do que afirma Paulo Fochi (2013, p. 60) sobre a escuta ao inesperado, pois “não observamos para documentar o que já sabemos”.

Mediante olhares e participação das crianças, ao considerar seu papel central e fundamental na documentação pedagógica, foram gerados diversos tipos de registro, tais como: diário de bordo, vídeos, fotografias, pasta pessoal de cada criança, álbuns de fotografias, álbum de desenhos, museu de cartazes, murais, exposições de arte, mini-histórias, documentário.

Figura 1. "Pupilas protagonistas: importância da participação da criança na documentação pedagógica". Foto-ensaio composto pelos olhares das crianças protagonistas desta pesquisa.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Os resultados da pesquisa apontam para a compreensão da documentação pedagógica em sua complexidade na construção de conhecimentos praxiológicos (Fochi 2019), ampliadora do fazer docente, que almeja legitimar os direitos das crianças por meio do estabelecimento de diálogos entre teoria e prática e de articulações dialógicas entre sujeitos do contexto. Contribui para que as crianças desenvolvam identidades de maneira crítica, reflexiva e criativa (Marques, 2010); porque serem respeitadas e valorizadas faz com que queiram cada vez mais ser protagonistas de suas histórias.

A experiência deflagrada pelo processo de pesquisa aponta, concomitante, para a documentação pedagógica enquanto um exercício pedagógico tanto quanto estético

e político na formação docente pela via da sensibilidade estética. Observou-se com base em Rosvita Kolb Bernardes e Luciana Esmeralda Ostetto (2019, p. 06) que a formação docente propiciada por meio da documentação pedagógica se dá de um modo “[...] singular-plural de afirmar a vida, resistir, reinventar possibilidades no encontro com o mundo – em nós, no outro”, sendo a estética entendida como a definiu a italiana Veà Vecchi (2013), que é o contrário da indiferença, representa uma porta para o reconhecimento da diferença, que nos constitui como seres humanos em comunidades sociais distintas; campo tão necessário de fortalecimento ao combate à violência e defesa da vida democrática (Bernardes e Ostetto, 2019).

CONCEITO DE DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: ITINERÁRIOS DE PLANEJAMENTO, REGISTROS DAS PRÁTICAS E AVALIAÇÃO

Construir modos participativos de fazer pedagogia nos convida à composição de um cenário respeitoso das múltiplas culturas e das identidades próprias na escola que teça, dia a dia, o exercício praxiológico da escuta. Sendo um lugar de vivências, exploração e criação, a escola da infância precisa transbordar-se dos protagonismos das crianças o que, sem a premissa da escuta, torna-se inviável.

A escuta “estética e relacional” (Hoyuelos, 2004, p. 130) é um conceito proveniente da Pedagogia da Escuta, desde a abordagem italiana de Reggio Emilia de educação da infância (Malaguzzi, 2011; Vecchi, 2017; Hoyuelos, 2004, 2006; Edwards, Gandini, Forman, 1999), que metaforiza o verbo escutar para além do sentido auditivo, significando estar atento(a) em todos os sentidos à criança, em relação com o mundo. É uma proposta de escutar sempre de forma contextualizada no espaço e no tempo, provocando assombro na pessoa adulta que escuta – como capacidade de esperar o inesperado, o imprevisto e ser surpreendida pela criança (Hoyuelos, 2004).

Nessa perspectiva, escutar é um princípio ético: “[...] condição *sine qua non* para não destruir a cultura infantil, mas sim para respeitá-la” (Hoyuelos, 2004, p. 131). É estar e ser presente, saber respeitar o fato extraordinário de as crianças serem capazes de pensar de forma plural. A escuta é sintonizada com os desejos e o direito de se expressar de todas as crianças, criar espaços de investigação e reflexão para toda a comunidade, ligados à ideia da dimensão estética. Loris Malaguzzi (2011, p. 73) afirma que a escuta é um dos aspectos daquilo que ele denominou “estética do conhecimento”:

Também a estética (tema difícil de definir) é um acontecimento que perseguimos a todo o custo. Às vezes com sorte e às vezes não. Eu acho que há evidências disso [...] no cuidado do ambiente, do mobiliário, dos objetos, dos locais de atividade, da escuta e da documentação dos processos e produtos das crianças, que são como aqueles espaços de meditação e liberdade que procuramos preservar: algo que vai além da mera função visível. Estamos convencidos de que existe uma estética do conhecimento, mais do que um conhecimento estético².

Os termos registro e documentação pedagógica partem, ambos, da observação e da escuta das crianças. Apesar disso, o pesquisador Paulo Fochi (2019) pedagogicamente provoca a pensar na distinção entre eles. Para Fochi, os registros feitos em diários sobre ações realizadas, fatos e experiências das crianças são aspectos centrais à criação da estratégia da Documentação Pedagógica, que avança no sentido de utilizar aqueles como recurso para compreender o contexto que se oferece à criança.

Para este autor, existem três pilares da documentação pedagógica: observar, registrar e interpretar, entendidos como partes inseparáveis de um mesmo processo. Observar é compreendido como uma tentativa de enxergar e entender o que acontece no trabalho pedagógico e o que a criança é capaz de fazer, coloca em suspensão ideias pré-fixadas a respeito das crianças para querer conhecê-las. Registrar, para Fochi é:

[...] uma forma de garantir modos concretos de nos enxergar e enxergar as crianças na vida cotidiana das escolas. Como afirma Malaguzzi (1988), é um modo de tirar as crianças do anonimato para iluminar a complexidade de suas ações. Os registros servem simultaneamente para ir construindo os observáveis que retroalimentam o trabalho pedagógico e servem como material para a elaboração das comunicações (Fochi, 2019, p. 211).

Interpretar, por fim, tem caráter ativo de também projetar, como um meio para refletir sobre o trabalho pedagógico de maneira rigorosa, metódica e democrática, com a perspectiva da proposição de organizar, planejar e realizar a transformação do cotidiano pedagógico. Logo, Fochi (2019) verificou que a documentação pedagógica é uma forma de produzir conhecimento praxiológico sobre a Educação Infantil, a partir da oportunidade de aprender a olhar as experiências das crianças na escola e evidenciar seu papel no processo educativo, convidando a reposicionar a função do(a) professor(a) e a construir contexto educativo de excelente qualidade.

Em diálogo com Veia Vecchi (2017) observa-se que, além do valor dado ao ponto

² Do original “También la estética (um tema que es difícil de definir) es un acontecimiento que perseguimos por todos los medios. A veces con suerte y otras no. Creo que hay pruebas de ello (no sólo em la obstinación por incluir el taller) em el cuidado del ambiente, del mobiliario, de los objetos, de los lugares de actividad, de escucha y de la documentación de los procesos y productos de los niños, que son como esos espacios de meditación y de libertad que tratamos de preservar: algo que va más allá de la mera función visible. Estamos convencidos de que existe una estética del conocimiento, antes que un conocimiento estético”. Traduzido pelas autoras.

de vista da criança, outro aspecto é revelador de sentidos presentes nessas entrelinhas: a dimensão estética.

Quando Vecchi (2017) narra sobre os percursos de documentações de atelieristas e docentes desde os anos 1970 buscando por novas didáticas nas escolas de infância, observa-se, antes de tudo que, na intenção de testemunhar e registrar, os protagonistas eram, sobretudo, a mente e a mão de professores(as), ao passo que era reservado às crianças papel secundário, como o de fazer produtos estereotipados iguais para todas. Eram modos adultizados de registrar, que não pareciam desejar conhecer melhor as crianças.

Muitas experimentações nos espaços e materialidades começaram a ser feitas, para que os ambientes pudessem ser esteticamente mais prazerosos. Professores(as) buscavam por ações pedagógicas nas quais as crianças fossem protagonistas e começaram a incluir a dimensão estética e artística nos registros, como a fotografia.

Conforme Vecchi relata, assim nasceram as mini-histórias, que apareceram na edição de "As cem linguagens da criança" de Malaguzzi (1996) e no livro "Making learning visible" (Rinaldi, Giudici e Krechevsky, 2001). Eram exercícios docentes de procurar expressar também pela imagem o que as crianças elaboravam em suas falas, gestos, brincadeiras. Conforme Vecchi (2017), foram décadas de empenho em relação à escuta procurando compreender melhor as crianças por meio da dimensão estética.

Assim, esforços para ver as coisas do ponto de vista da criança e de documentar, com vistas a expressar suas descobertas, por meio de linguagens expressivas, passaram a conceder caráter criativo e mais reflexivo aos registros. Em Camargo (2019) verificou-se que a função dos registros dentro do processo da documentação pedagógica é de iniciar um movimento dialético de leitura crítica do real, impulsionar, portanto, criatividade e criticidade para transformar a realidade.

Camargo (2019) afirma que em seu processo criativo com as crianças, desenvolve três etapas: descritiva, avaliativa e reflexiva. A dimensão descritiva é a parte processual do registro, aquela em que se narra o enredo da vivência, enfatiza as relações estabelecidas naquele contexto: *o que aconteceu? Como aconteceu? Quem estava participando? O que foi dito?* A dimensão avaliativa expressa as subjetividades, com uma análise sobre o enredo que compôs a realidade. São *dúvidas, impressões, pensamentos, hipóteses, inquietações, curiosidades* que emergem da observação. A dimensão estético-reflexiva dá continuidade à avaliação, busca compreender os fenômenos educativos para além da visão de mundo do(a) professor(a), que descontrói, portanto, a verticalização das relações de poder, pensando nas razões que nos fazem

interpretar a realidade de tais formas e considerar outras possibilidades, para assim, estabelecer caráter justo e ético no registro e com os sujeitos engajados(as).

Em relação a modos de registro e documentação como avaliação, em termos dos documentos brasileiros, observa-se na Base Nacional Curricular Comum (Brasil, 2017), que os diversos tipos de registros são instrumentos avaliativos para a Educação Infantil, derivando da Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996), a qual assegura que as avaliações devem conter caráter progressivo, sem a intenção de seleção, promoção ou classificação das crianças. Portanto, trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações, que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças (Brasil, 2017).

Quando a intencionalidade dos registros é tecer uma trajetória avaliativa, reflexiva e progressiva da criança e do grupo, professores(as) precisam estar cientes do seu compromisso social e responsabilidade ética de avaliar as aprendizagens das crianças, prezar pela equidade, empatia e respeito. Isto legitima os registros de práticas enquanto instrumentos de ação e intervenção (Marques, 2010). Enquanto fragmentos de um contexto, se objetivarem contribuir com processos avaliativos, os registros necessitam cuidado ético para que crianças não sejam estigmatizadas ou para que seus estigmas não sejam reforçados por conta de avaliações informais, opressivas das subjetividades.

Ao convidar crianças para guiarem nossos olhares sobre os registros e serem deles coconstrutoras, a documentação pedagógica começa a nascer e avança no sentido de ser um modo de viver a educação junto com as crianças e suas curiosidades, sonhos, questionamentos, descobertas. Alguns significados, categorias ou conceitos atribuídos ao termo se referem à documentação pedagógica como memória ou registros do presente, que orientam ações futuras; meios para a construção da identidade, visibilidade do projeto educacional; processo autorreflexivo do trabalho pedagógico e modo de comunicação das vivências.

Este mapeamento evidencia quão plural pode ser a documentação pedagógica, não necessariamente pertencente a uma única unidade categórica. Assim, ela pode ser indagada e ressignificada de acordo com o contexto, as experiências, as relações, as aprendizagens. De acordo com Oliveira-Formosinho e Formosinho:

A documentação pedagógica permite observar, escutar e interpretar a experiência vivida e narrar a aprendizagem. Também possibilita ao educador e à criança a construção de significado sobre as experiências de aprendizagem, sobre o progresso da criança nessa aprendizagem e sobre a construção da identidade aprendente da criança (Oliveira-Formosinho e Formosinho, 2019, p.51).

Conforme Hoyuelos (2006) a documentação consiste na recolha e exposição sistemática e estética (por meio de escritos, imagens, painéis, vídeos, palavras infantis, produtos gráficos) dos processos educativos. Não se trata apenas de captar o que aconteceu, mas construir – em vários formatos – um produto público que dê conta narrada do que foi vivido.

No caso específico desta pesquisa, indagar a documentação pedagógica do fazer, do sentir e do pensar das crianças como possibilidade plural provocou a imersão sensível da professora nas linguagens artísticas junto com as crianças, as quais lançam mão da exploração e curiosidade para aprender. O desejo por experimentar muitos formatos artísticos e criativos.

Documentação pedagógica e dimensão estética dos registros das práticas

Conforme afirmam Carla Corrêa e Luciana Ostetto (2018), ao redescobrir suas linguagens, seus modos de expressar o mundo, ao cultivar o espaço lúdico dentro de si, colocando-se disponível à busca-resgate de seu próprio eu-criador-autor, professores(as) ampliam possibilidades de reconhecer e apoiar o eu-criador-autor das crianças. A leitura deste e de Ostetto (2018), Galvani (2016), Vecchi (2017), Bernardes e Ostetto (2019), Freitas e Craveiro (2017), instigaram à produção da documentação pedagógica como um mergulho nos fazeres artísticos da fotografia, do desenho, da colagem, dos vídeos, da pintura, da curadoria, atravessando o redescobrir-se professora-artista, ao mesmo tempo que pesquisadora.

É um processo que trouxe à tona a formação estética como processo-projeto de elaboração de sentidos e produção da vida, na relação com a arte, a cultura e a natureza, tal como define Ostetto (2018), bem como colocou em pauta os lugares das artes na Educação Infantil e na formação docente.

De acordo com Vecchi (2017), a dimensão estética merece profunda reflexão no âmbito educativo pois eleva a qualidade das relações tanto com o contexto quanto com os processos de aprendizagem. Sobre a importância da estética como ativadora da aprendizagem, ela afirma:

É indubitavelmente difícil definir com simplicidade e clareza o que se entende por dimensão estética; talvez seja, antes de tudo, um processo de empatia que coloca em relação o sujeito com as coisas e as coisas entre si. Como um fio fino, uma aspiração à qualidade que faz escolher uma palavra no lugar de outra, assim como uma cor, uma tonalidade, uma música, uma fórmula matemática, uma imagem, um gosto de comida... É uma atitude de cuidado e de atenção para aquilo que se faz, é desejo de significado, é maravilhamento, curiosidade. É o contrário da

O CAMPO DA PESQUISA

Enquanto professoras-pesquisadoras nos satisfaz que esta pesquisa tenha nascido do chão da escola, isto é, o próprio cotidiano com crianças suscitou inquietações que, entrelaçadas à atitude de pesquisa, tornaram um meio de valorização do protagonismo das crianças, de suas pluralidades, em um movimento dialógico e, portanto, um ato de resistência.

A pesquisa, que foi realizada em uma escola da rede privada de Sorocaba-SP, uma cidade do interior do estado de São Paulo, durante um período político conturbado para a Educação, revela a necessidade de um fazer-pedagógico mais afetivo e atento que enfatize a importância de subverter relações adultocêntricas, para valorizar os potenciais das crianças.

Para ilustrar, compartilha-se a seguir alguns exemplos da imersão artística-criativa elaborada pela professora e crianças (que foram ao todo os diários de bordo, vídeos, fotografias, pasta pessoal de cada criança, álbuns de fotografias, álbum de desenhos, museu de cartazes, murais, exposições de arte, mini-histórias, documentário) que são, sobretudo, memórias da participação ativa e significativa delas, seja nas escolhas dos instrumentos de registro e documentação, seja porque estavam a viver, se questionar, descobrir, se emocionar, em um eterno *maravilhamento* pelo mundo, pelo outro, pelas relações e interações.

Álbum fotográfico

O álbum de fotografias compôs as memórias mais significativas que o grupo construiu, em um determinado período de tempo. Trata-se da coleção de fotografias, que se tornam memórias ilustradas, evidencia o processo cronológico de nossas aprendizagens e como ele foi construído, portanto são fragmentos das nossas histórias que podem ser revisitados a partir da experiência visual.

Figura 2. *Construindo galáxias.* Foto-ensaio da autora, constante do álbum de fotografias sobre o processo de pintar uma galáxia.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Como afirma Ostetto (2012), registrar tem a ver com criação e recriação de si mesmo, reinvenção do cotidiano, reconhecer-se e expressar-se. Neste sentido, o exercício da professora de contemplar o vivido diariamente por meio da fotografia passou a não tratar apenas de contar o que aconteceu, mas sim de mergulhar nos fazeres com as crianças em busca de uma consciência profunda, como aconteceu na realização das fotografias que compõem a Figura 2 “Construindo galáxias”, quando foi essencial se perguntar, provocada por Ostetto (2012, p. 22):

[...] ...como olhamos? Procurando o novo ou voltando-nos exclusivamente para o já conhecido? Profunda ou superficialmente? Com um olhar que, ao se dirigir às crianças, busca apenas o que “deveriam fazer” (correspondendo a um modelo ideal, padrão), que facilmente localiza a falta? [...] O ato de registrar poderá ajudar no exercício de “desabituar-se”.

Neste caso, as crianças estavam estudando sobre o universo e se encantaram pela galáxia. Decorrente do interesse infantil, estudaram-se técnicas de pinturas por meio de vídeos e observação de fotografias e decidiu-se tentar reproduzir uma galáxia. Após selecionarmos os materiais, nos reunimos no parque para realizar pinturas. O grupo todo participou em cada etapa do processo, construiu-se as camadas da nossa galáxia e, depois, preencheu-se de estrelas. As crianças se sentiram tão conectadas e envolvidas no tema que, sempre que possível, voltavam a representar a galáxia em seus outros desenhos e produções artísticas. Admirável o quanto a arte das crianças era bonita, inclusive nos borrões que ficavam lambuzados no papel de proteção: pareciam nebulosas, astros e, então, como lembrança, foram guardados alguns pedaços das galáxias de cada uma, como memórias preciosas das criações infantis.

Álbum de desenhos

Figura 3. *Mãos em criação.* Foto-ensaio sobre a interação sensorial em desenhos e pinturas que constituíram os álbuns de cada criança.



Fonte: Acervo da autora, 2019 e 2022.

Os álbuns de desenhos nasceram das mãos em criação das crianças, no contato sensorial com a variedade de materiais artísticos, que possibilitam explorar e experimentar de maneira livre e criativa o ato de desenhar.

O contato físico com os materiais permite que crianças experimentem diferentes texturas, temperaturas e consistências, como a suavidade de folhas de diferentes papeis, a textura pegajosa da cola, a aspereza da terra, o aroma do carvão ou a maleabilidade de massinhas. Os desenhos evidenciam o desenvolvimento e as descobertas que as crianças fazem ao longo do tempo quando exploram diversos riscantes e superfícies. Seus desenhos são uma forma fortemente genuína de expressão, tangível em olhares, mãos e ouvidos que sabem construir e se emocionar ao mesmo tempo (Vecchi, 2017).

A construção de um álbum de desenhos e experimentações narra uma parte muito íntima e pessoal de cada menina e menino, que compôs aquela produção (ou coletânea) e promoveu acolhimento e valorização de seus sentimentos. O olhar cuidadoso da professora foi imprescindível na curadoria desse trabalho, para iluminar a

criatividade única de cada criança, assim como valorizar os desafios e conquistas que ocorreram ao longo do processo.

Por mais que o objetivo de acompanhar o desenvolvimento estético do desenho das crianças estivesse presente, quando produzimos cada álbum – o próprio álbum! – a criança se reconhecia enquanto artista, sendo encorajada a se apropriar cada vez mais de sua personalidade, da sua criatividade e comunicar ao mundo a sua maneira de existir e resistir. Essa sensação de identidade própria se traduz pelo que Ostetto (2012) coloca como sendo o registro enquanto espaço específico de cada pessoa, pessoal e particular, com caráter individual como espécie de confissão ou testemunho.

Exposição

Nossas exposições faziam parte do princípio da partilha, isto é, de que as aprendizagens que experimentamos são tão frutíferas e abundantes para nós, que sentimos necessidade de dividi-las com todas(os). É o momento em que convivemos com a finalização de um processo, ao mesmo tempo em que celebramos aquilo que vivenciamos. Assim sendo, a planificação com a criança é uma escolha consciente, como processo humanizante em que a criança sabe que será garantida a escuta de si e de todas as outras.

De acordo com Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013), no âmbito de uma pedagogia da infância transformativa, preconiza-se uma planificação que conceitualiza a criança como uma pessoa com agência, que lê o mundo e o interpreta, que constrói saberes e cultura. Por isso, em nossos processos de documentar a professora criou o hábito de dar tomada de decisões às crianças, incluir cada uma em negociações, promover aprendizagem experiencial e cooperativa.

O objetivo das exposições era promover a cultura das crianças, o que significa que seriam expostas suas produções, com sua curadoria em parceria com a professora, com o mesmo nível de envolvimento para a montagem da exposição que havia no fazer artístico. Na esteira da pedagogia participativa, a exposição deveria nascer da mesma dinâmica motivacional e ganhar intencionalidade para e na ação do projeto feito em companhia (Oliveira-Formosinho e Formosinho, 2013).

Figura 4. *Rocks and Minerals Exposition*. Foto-ensaio sobre a exposição do projeto “*Rocks and Minerals*”.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

A figura 4 mostra uma exposição ao final de um dos semestres letivos. Ao longo daquele período foram muitos momentos de aprendizagens, desafios, conquistas, brincadeiras, descobertas e novos questionamentos. Para encerrar a etapa, o grupo decidiu elaborar uma exposição para ser apresentada às famílias e demais pessoas da escola, compartilhou o que aprendemos e produzimos. A participação das crianças foi intrínseca em cada parte da exposição, inclusive no caminho que deveria ser percorrido, no qual, elas decidiram colocar rochas: meninas e meninos colocaram rocha por rocha para guiar a narrativa da história que criaram. Crianças que são protagonistas de suas aprendizagens constroem conhecimentos, e então surge o desejo por partilhar.

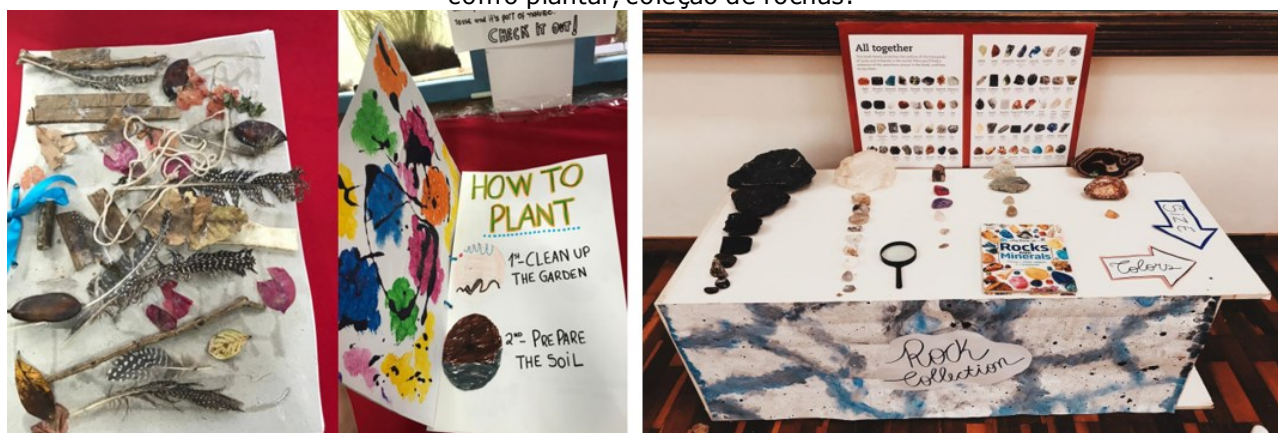
Museu de artefatos

O cotidiano das crianças enriquecido por vivências que respeitam as infâncias, valoriza o brincar, as curiosidades e os saberes **que**, ao longo do tempo, vão se transformar em histórias que podem ser narradas nas mais plurais formas, inclusive na representação física de um artefato.

Aqui os artefatos são lembranças concretas das incríveis aventuras vividas, são fragmentos da história e ao mesmo tempo um convite para revisitá-las. Por isso, a elaboração de um museu de artefatos tem como objetivo narrar uma coletânea de experiências individuais ou coletivas, que incidem em uma relevância grande para as

crianças, suas aprendizagens e seu cotidiano, porque nelas residem as oportunidades que lhes foram dadas de serem crianças e protagonistas.

Figura 5. *Conexão com a natureza.* Museu de artefatos composto por diário de bordo criativo sobre como plantar, coleção de rochas.



Fonte: Acervo da autora, 2018, 2019.

Fazer uma coleção de artefatos da natureza escolhidos pelas crianças teve vários significados. A conexão com a natureza no ato de explorar e coletar rochas, conchas, folhas, flores ou galhos, estabelecia nas crianças uma conexão direta com o ambiente natural ao seu redor, de uma maneira tangível convidando à apreciação sua beleza e diversidade. Ao procurar e selecionar esses elementos, as crianças se engajavam em um processo ativo de descobertas e, por isso, o museu nasceu como mais uma forma de registro comprometido com a prática, que possibilitava o diálogo entre todas as pessoas envolvidas, “[...] buscando conhecer cada vez mais as crianças e seus processos de conhecimento e desenvolvimento” (Ostetto, 2012, p. 29).

Mural

Contrapondo culturas adultizadas, a participação das crianças nas construções das propostas propõe que elas sejam reconhecidas como artistas de suas obras, com autoria de quem sabe, genuinamente, onde se encontra a sensibilidade estética da sua própria produção.

Figura 6. Arco-íris. Foto-ensaio sobre o processo de criação de um mural.



Fonte: Acervo da autora, 2019.

A Figura 6 registra momentos de um mural elaborado do começo ao fim pelas crianças, na intencionalidade de compartilhar aprendizagens e descobertas que fizeram acerca da observação e experiências com misturas de cores, o arco-íris e leitura de algumas histórias. A inspiração para refletir sobre os murais veio de Ostetto:

Nas paredes de escolas, pré-escolas e creches estão registros, concepções, objetivos de quem as ocupou. Nelas podemos ver as crianças, seus processos, seus movimentos e criatividade potencializados nos murais que amplificam as vivências e marcam o vivido, ou, ao contrário, ver apenas o adulto e suas marcas ocupando um lugar que não deixa espaço para as múltiplas linguagens da infância (Ostetto, 2017, p.44).

No afeto que as relações se solidificam, inclusive na relação artista-arte, portanto, a liberdade de explorar, criar, expressar e compartilhar, se entrelaça ao protagonismo das crianças quando não se negligencia a sua autoria, espontaneidade, mas as considera em sua complexidade e singularidade. Murais são muito comuns nas escolas e, neste caso, a coordenação organizava quando cada turma iria exibir alguma produção. Diante disto, para que não produzíssemos algo somente por imposição, com este grupo de crianças a professora dialogava sobre qual registro gostariam de exibir e as crianças produziam todo o processo, desde o planejamento, escolha de materiais, criação de legendas, sendo autoras dos murais da escola.

PROTAGONISMO E APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS: PELA TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO PROFESSORA-CRIANÇAS E DA AÇÃO PEDAGÓGICA

Aqui apresentamos alguns registros e documentações pedagógicas produzidas no contexto da pesquisa que constituem um conjunto de materiais que revelam o encontro com memórias vivificadas de saberes e fazeres com as crianças na escola.

Esses registros partem do pressuposto de que a documentação pedagógica precisa ser marcada pela qualidade da escuta, assim como afirma Ostetto (2017), ressaltar a importância do afeto e subversão do adultocentrismo.

No trecho denominado **Genuíno**, evidencia-se a premissa de construir vínculos com crianças em que as relações de poder não sejam verticalizadas, oferta-se espaço para que a afetividade revista o cotidiano e esteja presente nas vivências, descobertas e novas curiosidades.

O registro sobre **como o foguete faz para sair da Terra** problematiza a lógica adultocêntrica em que somos detentores das respostas e entendimentos sobre as perguntas das crianças, provoca a reflexão acerca da práxis do conceito da escuta atenta.

Por fim, no trecho **Colecionadores de rochas - "Professora, achei uma esmeralda"**, é compartilhada a importância de observar as relações que estão sendo estabelecidas entre as crianças e a professora, e como essa dinâmica afeta o cotidiano, histórias que estão sendo construídas e vividas.

Genuíno

Figura 7. O genuíno.



Fonte: Foto-ensaio da autora, 2018, 2019.

Ao longo da pesquisa muitas questões emergiram a partir da *práxis* entre o vivido e o aprendido e, assim, a professora foi tecendo junto com as crianças diversas

produções acerca das descobertas, projetos e experiências. *Ser e estar presente para as crianças enriqueceu o nosso processo criativo enquanto professoras, mas também nos possibilitou entender a importância do afeto nas relações e como ele liberta nossas inseguranças, porque como destaca Malaguzzi (2011), mais importante do que os conteúdos, é estar com as crianças.*

Ao final de 2019 foi produzido um livro com as crianças com o propósito de lembrá-las o quanto somos únicos e, ao mesmo tempo plurais, ao conviver em grupo. Para isso, cada criança selecionou uma fotografia de sua escolha e depois convidava os(as) amigos(as) a pensarem em uma palavra que pudesse representar a contribuição da singularidade de cada um dentro do coletivo.

O livro por si era muito emocionante. Criado com crianças muito gentis umas com as outras ao longo de todo o processo, reconhece e agradece a convivência, os desafios, lembra dos momentos que compuseram a nossa história naquele ano. Este relato compartilha a potência do afeto nas relações, sobretudo com crianças.

Logo na última semana de aula, quando o livro ainda não tinha sido finalizado, ocorreu um conflito entre um grupo de crianças, uma delas ficou magoada e, como relatou, se sentiu desconfortável e não acolhida. Observou-se que era uma questão muito importante para ela pela forma como chorava, então a professora mostrou a ela o livro produzido e a palavra que, em especial, haviam escolhido **sobre ela**: genuína.

- O que significa "genuína", prô?

- Significa ser verdadeiro. Você é uma pessoa verdadeira, é assim que eu e os seus colegas vemos e admiramos você.

Os olhos da criança marejaram, mas dessa vez de emoção. E assim, num exercício mútuo de sensibilidade, professora e criança se emocionaram com o afeto construído ao longo do ano, que prevalece em momentos difíceis e, muitas vezes, é o que nos encoraja a não desistir, ter mais paciência e empatia. Precisamos tecer registros que correspondam aos sentimentos dos sujeitos, dando "[...] abertura e sensibilidade para conectar-se ao outro, para ouvi-lo" (Ostetto, 2017, p. 21).

Como o foguete faz para sair da Terra?

Figura 8. "O mundo em minhas mãos".



Fonte: Foto-ensaio da autora, 2019.

Um dos grandes questionamentos que a professora fez ao longo da pesquisa foi: "*quando realmente estamos ouvindo as crianças?*". São muitas perguntas que elas nos fazem, mas será que nós adultos(as), estando imersos(as) em um mundo adultizado, respondemos apropriadamente às suas curiosidades?

Certo dia uma criança perguntou: "*prô, como o foguete faz para sair da Terra?*" Sem pensar duas vezes, a professora optou por não fornecer uma resposta, mas fez um convite para pesquisar junto com a criança.

O motivo para que não tivesse dado uma resposta de imediato foi duvidar do seu próprio entendimento do que de fato a criança estava perguntando. Ter certeza de que entendeu uma pergunta conduz a uma "resposta certa". Involuntariamente, o adultocentrismo conduz as nossas reações e nem sempre escutamos as hipóteses das crianças. A professora se permitiu um momento de suspensão, tal como Ostetto sugere:

Crianças dizem, e fazem, cada uma! Essa exclamação, comum ao adulto que se espanta e se maravilha diante das inusitadas perguntas ou ações das crianças, anuncia o novo, e, justamente, é esse novo que precisa ser documentado, para que não seja apenas uma atitude emocional de uma professora mais atenta, que acha graça e se diverte com as peripécias de meninos e meninas (Ostetto, 2017, p. 24).

Ainda que, pela sua experiência, a professora pudesse dar algumas respostas àquela pergunta, era necessário entender de fato qual era a dúvida, o que a criança entendia por "sair da Terra", como e onde essa curiosidade estava ancorada. Neste sentido, a documentação pedagógica assumiu um papel reflexivo na prática pedagógica, ressignificando aquilo que se acreditava ser certo ou errado, e ampliando as possibilidades de agir diante da curiosidade das crianças, da maneira mais acolhedora

possível, sem podar a imaginação e potencialidade criativa e crítica das crianças. Por fim, a criança descobriu:

- Para ele sair da Terra? Ah, ele pega fogo e vai subindo até chegar no **espaço federal**.

Colecionadores de rochas – “Achei uma esmeralda!”

Figura 9. “Preciosidades”.



Fonte: Foto-ensaio da autora, 2019.

Durante um semestre inteiro, as crianças se maravilharam por rochas. Onde iam, observavam o chão, prestavam atenção às formas, aos desenhos que os caminhos rochosos da escola tinham e, então, decidiram colecioná-las.

As mãos pequenas coletavam, lavavam e depois as guardavam no museu de artefatos produzido por elas e, com o passar do tempo, as rochas vinham de casa, coloridas, grandes, pesadas, outras um pouco mais leves e, assim, o grupo experienciou diversas aventuras, pesquisou e conhecendo rochas e minerais.

Com essas vivências, as crianças começaram a perceber entre elas que um dos amigos sempre tinha muito a partilhar, afinal, tudo começou quando ele se apegou a uma rocha e a mostrou aos amigos.

Este relato, é fruto de uma documentação pedagógica cuja narrativa sempre atravessa, sensibiliza e emociona poder repetir, porque por um bom tempo as relações desse grupo eram individuais, principalmente com a criança em questão. Dialogando com Ostetto (2017), percebe-se o quanto é preciso evidenciar a necessidade de estar atentas às dinâmicas do grupo que, neste caso, se transformou por conta do protagonismo da criança, que foi vista por olhares sensíveis.

A partir desse dia, todas as rochas encontradas se transformavam em “pedras preciosas” para as crianças, porque eram importantes. Até que um dia as crianças descobriram que existem algumas gemas que são mais preciosas ainda, como a

esmeralda: então, a busca passou a ser acerca desta pedra em especial. Uma criança clamou em tom de grande conquista:

- Professora, eu encontrei uma esmeralda!!!

As crianças começaram a indagar muitas coisas: como saberíamos se realmente era uma esmeralda? Quais as características desta gema preciosa? Onde pesquisariam? Eram muitas questões a serem respondidas e para as crianças isto não era uma preocupação, mas sim um desafio instigante. Será que é porque sabiam que as respostas seriam encontradas, talvez no livro que usavam ou na internet, quando pesquisavam juntas? Uma certeza elas tinham: a de que poderiam perguntar para o *Pedro* que, segundo elas, era o *especialista em rochas* da turma e saberia dizer se era mesmo uma esmeralda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A documentação pedagógica assume lugar vital na partilha de um ambiente que respeita sujeitos e suas subjetividades, histórias, questionamentos, criatividade e criticidade. Envolve práticas que mediam a experiência de ser criança e a alegria do aprender e descobrir. Não é simples assumir essa responsabilidade enquanto docentes, pois constituir este tipo de cultura pedagógica na Educação Infantil implica compreender a fluidez da vida e permitir o “não saber”, logo, valorizar a importância da inconstância tecendo aquilo que tanto chamamos de *práxis*.

A escuta atenta é condição para a construção de um cotidiano com as crianças que respeite e valorize seu protagonismo, suas identidades como sujeitos históricos e de direitos. Combate o adultocentrismo e engaja o pensamento crítico, criativo e a própria formação e ação docente.

A construção coletiva e ativa com as crianças da documentação pedagógica possibilita compreender os contextos e enxergar possibilidades de agir, ser e estar no mundo, rompe o comodismo. Pode-se destacar que as entrelinhas entre documentação pedagógica e o ato de documentar consistem em um exercício de sensibilidade, olhar crítico, reflexivo, postura observadora, empática e acolhedora de professores(as), pois assim como afirma Ostetto (2017), o ato de documentar testemunha a cultura e as ideias das crianças em seu mais intrínseco propósito. Vive-se e narra-se um cotidiano plural de muitas singularidades que se encontram.

Enquanto um compromisso ético com rupturas das limitações que são impostas às crianças, a professora também assume um papel estético e político quando se permite viver a documentação pedagógica, tece no cotidiano conhecimento praxiológico para corresponder e responder à complexidade da transformação da prática educativa (Fochi, 2019).

Dialogar com Ostetto (2012, p.29), que declara “[...] a documentação pedagógica contribui para ampliação da compreensão dos conceitos e das teorias sobre as crianças”, significa defender que as práticas, atreladas ao propósito inegociável de respeitar as infâncias, as crianças, seus saberes, suas curiosidades e encorajar o protagonismo, precisam trazer em si um exercício reflexivo capaz de subverter as relações de poder que são postas e as contradições.

Assim, tece-se o compromisso de ir além, na urgência de construir novas possibilidades com as crianças, na sensibilidade *com* elas e *por* elas. Ao mergulhar na emoção de viver e conviver na Educação Infantil, compreende-se que a documentação pedagógica constrói nosso exercício crítico de transformação e, portanto, partilha o mote da valorização dos sujeitos e suas subjetividades.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Rosvita Kolb; OSTETTO, Luciana Esmeralda. No impulso da vida e da docência: marcas da formação estética de estudantes de arte e pedagogia. **39^a Reunião Nacional da ANPEd**. GT24 - Educação e Arte, 2019, p. 1-7. Disponível em: http://anais.anped.org.br/p/39reuniao/trabalhos?field_prog_gt_target_id_entityreferencia_filter=34 Acesso em 16 de abril 2023.

CAMARGO, Gabrielle Augusta Silva de. **Documentação pedagógica enquanto um exercício de sensibilização**: do protagonismo das crianças ao olhar atento do educador. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13896>. Acesso em 17 de set.2023.

CORRÊA, Carla; OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Sobre formação estética e docência**: as professoras de Educação Infantil desejam mais arte! Laplage em Revista, Sorocaba-SP, vol.4, n°. Especial, set.- dez. 2018, p.23-37. ISSN:2446-6220.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança**: A abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre-RS: Artes Médicas Sul, 1999.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas**. In: Oliveira-Formosinho, Julia; Kishimoto, Tizuko Morchida; Pinazza,

Mônica Appezzato. (Orgs). *Pedagogia(s) da Infância: dialogando com o Passado Construindo o Futuro*. Porto Alegre-RS: Artmed, 2007, p. 277-292.

FOCHI, Paulo Sergio. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico**: o caso do Observatório da Cultura Infantil-OBECI. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, University of São Paulo, São Paulo-SP, 2019. doi:10.11606/T.48.2019.tde-25072019-131945. Acesso em 16 de abril 2023.

FOCHI, Paulo Sergio. **Abordagem da Documentação Pedagógica na Formação em Contextos de Educação Infantil**. RELAdEI 7.2-3, Educación Infantil y Familia, Diciembre 2018, p. 149-158. Disponível em: <file:///E:/Downloads/5030-Texto%20del%20art%C3%ADculo-28792-1-10-20190104.pdf> Acesso em 23 abril 2023.

FOCHI, Paulo Sergio. **"Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?" documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva**. 2013. 171 fls. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2013.

FOCHI, Paulo Sergio; PIVA, Luciane Frosi; FOCESI, Luciane Varisco. **A documentação pedagógica como mote para a formação de professores**: o caso de uma escola participante do OBECI (The pedagogical documentation as a motto for teacher training: the case of a school participating in the OBECI). *Crítica Educativa, [S. l.]*, v. 2, n. 2, p. 165-177, 2017. DOI: 10.22476/revcted.v2i2.103. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/103>. Acesso em 23 de abril 2023.

FREITAS, Lídia; CRAVEIRO, Clara. **Documentação e fotografia pedagógica na ação e no desenvolvimento profissional do educador de infância**: uma reflexão na senda da supervisão pedagógica. *Investigação às Práticas*, Lisboa, v. 8, n. 2, p.98-114, 2017. Acesso em 09 de dezembro, 2018. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.25757/invep.v8i2.139>>.

GALVANI, Vanessa Marques. **Uma nova lente para o professor**: potencialidade da fotografia como dispositivo de pesquisa para ações pedagógicas. 2016. 168 fls. Dissertação (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo-SP, 2016.

HOYELOS, Alfredo. **La ética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. Barcelona. Octaedro-Rosa Sensat, 2004.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **Pesquisa pedagógica**: do projeto à implementação. Porto Alegre-RS: Artmed, 2008.

MALAGUZZI, Loris. **La educación infantil en Reggio Emilia**. Tradução: Alfredo Hoyelos. Barcelona: Editorial Octaedro, S.L., 2011.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **A documentação pedagógica**: revelando a aprendizagem solidária. In: Oliveira-Formosinho, Júlia e Pascal, Christine.

Documentação pedagógica e avaliação na educação infantil: um caminho para a transformação. Porto Alegre-RS: Penso, 2019, p. 26-56.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **Pedagogia(s) da infância:** reconstruindo uma práxis de participação. In: Oliveira-Formosinho, Julia; Kishimoto, Tizuko Morchida; Pinazza, Mônica Appezzato. Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro. Porto Alegre-RS: Artmed, 2007.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João. **Pedagogia-em-participação:** em busca de uma práxis holística. In: Oliveira-Formosinho, Júlia; Pascal, Christine. Documentação pedagógica e avaliação na educação infantil: um caminho para a transformação. Porto Alegre-RS: Penso, 2019, p. 26-56.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João. **Pedagogia-em-Participação:** a perspectiva educativa da Associação Criança. Porto: Porto Editora, 2013.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Observação, registro, documentação:** nomear e significar as experiências. In: Ostetto (org.) Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores. 5ª edição, Campinas-SP.: Papirus, 2012, p. 13-32.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **No tecido da documentação, memória, identidade e beleza** In: Ostetto, Luciana Esmeralda. (Org.). Registros na Educação Infantil: pesquisa e prática pedagógica. Campinas -SP: Papirus, 2017, p. 14-53.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **No novelo da memória, atravessamentos do sensível:** tornar-se. Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 11, n. 2, p. 166 – 191 – mai./ago. 2018. ISSN 1983 – 7348 <http://dx.doi.org/10.5902/1983734833904>

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia** [recurso eletrônico]: Explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. Tradução: Thais Helena Bonini. São Paulo-SP: Phorte Editora, 2017. Formato epub, sem paginação. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo?search=Vea+Vecchi&tipoIndex=0> Acesso em 17 de abril 2023.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

"PROFESSORA, ACHEI UMA ESMERALDA!": DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA, PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS E SUAS APRENDIZAGENS

"Teacher, I found an emerald!": Pedagogical documentation, children's protagonism and their learning

Gabrielle Augusta Silva de Camargo

Licenciada em Pedagogia

Kingdom School

Sorocaba, Brasil

gabriellescarnargo@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0002-4832-8681>

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Doutora em Educação

Universidade Federal de São Carlos

Departamento de Ciências Humanas e Educação

Sorocaba, Brasil

lucialombardi@ufscar.br

<https://orcid.org/0000-0001-6978-864X>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rod. João Leme dos Santos, Km 110, Sorocaba - SP, Brasil, 18052-780

AGRADECIMENTOS

Às crianças participantes desta pesquisa por compartilharem conosco seus sonhos e a alegria em descobrir o mundo, nos inspirando enquanto sujeitos, professoras e pesquisadoras.

À equipe editorial da revista Zero-a-Seis e Pareceristas do artigo.

Às/Ao docentes componentes da Banca de Defesa da pesquisa, cujas contribuições auxiliaram o trabalho: Dr. Paulo Fochi, Dr^a. Maria Walburga dos Santos, Dr^a. Elina Elias de Macedo.

À revisão ortográfica e gramatical do artigo realizada pela Prof^a. Dr^a. Rubia Fernanda Quinelatto. rubiabfq@gmail.com CV: <http://lattes.cnpq.br/4287100388497418> <https://orcid.org/0000-0002-0827-3869>.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: L. Lombardi, G. Camargo

Coleta de dados: G. Camargo

Análise de dados: G. Camargo, L. Lombardi

Discussão dos resultados: G. Camargo, L. Lombardi

Revisão e aprovação: R. Quinelatto e M. Buss-Simão

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

As imagens de terceiros foram obtidas e utilizadas com o consentimento escrito dos participantes. Foram recolhidos dezesseis termos assinados pelos adultos responsáveis pelas crianças, autorizando o trabalho de campo e uso das imagens. Em anexo está como documento suplementar o modelo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado para a realização da pesquisa (Camargo, 2019).

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 20-05-2023 – Aprovado em: 01-10-2023